



SENDO UM ROMANCE DE AVENTURAS QUE SE ENQUADRA NA TRADIÇÃO DA LITERATURA GÓTICA DE HORROR, É TAMBÉM UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA NO SENTIDO MAIS PROFUNDO, QUE ALIA O RIGOR HISTÓRICO AO AMBIENTE CULTURAL, ARISTOCRÁTICO E POPULAR, DO SÉCULO XIX.

— **ANTÓNIO DA COSTA NEVES**
AUTOR de *SANGUE DE PORTUGAL*

TORMENTA É UM HERÓI AO MESMO TEMPO CLÁSSICO E IMPROVÁVEL. PASSADO NA LISBOA DO SÉCULO XIX, FAZ-NOS SENTIR A CIDADE E OS TEMPOS COM UMA SENSIBILIDADE INVULGAR. FOI UM GOSTO LER ESTE LIVRO. CORTE REAL MOSTRA-SE UM ESCRITOR TALENTOSO E SÓLIDO, COM MUITO AINDA PARA DAR.

— **BRUNO MARTINS SOARES**
AUTOR de *ALEX 9*

AS AVENTURAS DE
BENJAMIM TORMENTA
DETETIVE DO OCULTO

FALTAVA AO MUNDO LITERÁRIO ESTE "BRUXEIRO", SUPER-ANTI-HERÓI IMPROVÁVEL, TOXICODEPENDENTE E LÚCIDO, COERENTE E CONTRADITÓRIO, DE DENSIDADE PSICOLÓGICA DESCONCERTANTE. TEMOS TUDO ISSO NESTE BENJAMIM TORMENTA, QUE NOS PROPORCIONA O PRAZER ESQUECIDO DA LEITURA DE BOAS HISTÓRIAS.

— **FILIFE LUÍS**
AUTOR de *A HISTÓRIA DE PORTUGAL*
CONTADA PELOS VILÕES

INSPERADAMENTE, RECUAMOS UM SÉCULO E MEIO, CONVIVEMOS COM TODOS, DOS REIS À ESCUMALHA, E DESCOBRIMOS OUTROS LADOS DE UMA CIDADE QUE AMAMOS E JULGÁVAMOS CONHECER. FASCINANTE! NÃO É SÓ O "DEUS DAS MOSCAS" QUE TEM FOME. QUERO MAIS!

— **JOÃO PAULO SACADURA**
JORNALISTA



ASSIM FALOU A SERPENTE

• LUÍS CORTE REAL •

AUTOR CONVIDADO:
LUÍS FILIPE SILVA

IMPRESSO
em
LISBOA
MMXXII

Notice Statistique de la Ville de Porto

...situada por los rios e es Villa Episcopal depuis le 17^e siecle. Sa situation est sur la rive
de la rive de Douro e une petite lene de son embouchure sur deux monts des cotes de la
de la lene qui forment un grand amphitheatre. Elle est le Capitale de la province
et par sa population qui s'eleve a plus de deux habitants et l'abandon de son com-
est consideré comme la seconde capitale de Royaume de Portugal. Elle passe seule
qui est la 1^e 3^e 4^e 5^e 6^e 7^e 8^e 9^e 10^e 11^e 12^e 13^e 14^e 15^e 16^e 17^e 18^e 19^e 20^e 21^e 22^e 23^e 24^e 25^e 26^e 27^e 28^e 29^e 30^e 31^e 32^e 33^e 34^e 35^e 36^e 37^e 38^e 39^e 40^e 41^e 42^e 43^e 44^e 45^e 46^e 47^e 48^e 49^e 50^e 51^e 52^e 53^e 54^e 55^e 56^e 57^e 58^e 59^e 60^e 61^e 62^e 63^e 64^e 65^e 66^e 67^e 68^e 69^e 70^e 71^e 72^e 73^e 74^e 75^e 76^e 77^e 78^e 79^e 80^e 81^e 82^e 83^e 84^e 85^e 86^e 87^e 88^e 89^e 90^e 91^e 92^e 93^e 94^e 95^e 96^e 97^e 98^e 99^e 100^e
...qui peut être comparé aux institutions d'Italie, le Tribunal et le Sénat qui composent le
gouvernement de la ville, les archives de la décoration des salles, ornements et pa-
vages. Les belles et nouvelles places de la ville de Porto, qui servent presque toute des
premier, fronts, sont, en outre, 1^e 2^e 3^e 4^e 5^e 6^e 7^e 8^e 9^e 10^e 11^e 12^e 13^e 14^e 15^e 16^e 17^e 18^e 19^e 20^e 21^e 22^e 23^e 24^e 25^e 26^e 27^e 28^e 29^e 30^e 31^e 32^e 33^e 34^e 35^e 36^e 37^e 38^e 39^e 40^e 41^e 42^e 43^e 44^e 45^e 46^e 47^e 48^e 49^e 50^e 51^e 52^e 53^e 54^e 55^e 56^e 57^e 58^e 59^e 60^e 61^e 62^e 63^e 64^e 65^e 66^e 67^e 68^e 69^e 70^e 71^e 72^e 73^e 74^e 75^e 76^e 77^e 78^e 79^e 80^e 81^e 82^e 83^e 84^e 85^e 86^e 87^e 88^e 89^e 90^e 91^e 92^e 93^e 94^e 95^e 96^e 97^e 98^e 99^e 100^e
...qui peut être comparé aux institutions d'Italie, le Tribunal et le Sénat qui composent le
gouvernement de la ville, les archives de la décoration des salles, ornements et pa-
vages. Les belles et nouvelles places de la ville de Porto, qui servent presque toute des
premier, fronts, sont, en outre, 1^e 2^e 3^e 4^e 5^e 6^e 7^e 8^e 9^e 10^e 11^e 12^e 13^e 14^e 15^e 16^e 17^e 18^e 19^e 20^e 21^e 22^e 23^e 24^e 25^e 26^e 27^e 28^e 29^e 30^e 31^e 32^e 33^e 34^e 35^e 36^e 37^e 38^e 39^e 40^e 41^e 42^e 43^e 44^e 45^e 46^e 47^e 48^e 49^e 50^e 51^e 52^e 53^e 54^e 55^e 56^e 57^e 58^e 59^e 60^e 61^e 62^e 63^e 64^e 65^e 66^e 67^e 68^e 69^e 70^e 71^e 72^e 73^e 74^e 75^e 76^e 77^e 78^e 79^e 80^e 81^e 82^e 83^e 84^e 85^e 86^e 87^e 88^e 89^e 90^e 91^e 92^e 93^e 94^e 95^e 96^e 97^e 98^e 99^e 100^e

*Este é dedicado à minha mãe que, vá-se lá saber porquê,
adora viajar na Lisboa do Benjamim Tormenta*

*E também para os quatro Lamashtus lá de casa:
o Ben, a quem roubei o nome para o bruxeiro,
a Mel, a Bia e a Mara – todas elas já leram uns contos
e fingem que gostam*

ÍNDICE



<i>Prefácio por Bruno Anselmi Matangrano</i>	11
UM TIGRE-DE-BENGALA NO CHIADO	17
A MULHER GORDA QUE SUSSURRA	41
A NOITE É ESCURA E CHEIA DE HORRORES	203
CRÓNICA DE UMA MORTE IMPLACÁVEL <i>por Luís Filipe Silva</i>	231
ASSIM FALOU A SERPENTE	259
<i>Bibliografia em jeito de conversa e alguns ovos de Páscoa</i>	497
<i>Agradecimentos</i>	509

‡ PREFÁCIO ‡

*Das múltiplas facetas de Benjamim Tormenta
Ou de quando um mundo oculto se revela em Lisboa*

POR BRUNO ANSELMI MATANGRANO

Diante da missão de prefaciар um livro da envergadura de *Assim Falou a Serpente*, de Luís Corte Real – cuja nada modesta extensão já antecipa sua magnitude –, a primeira e principal tarefa, enquanto estudioso do fantástico, pareceu-me se tratar de entendê-lo a partir de seu potencial narrativo do ponto de vista dos gêneros literários. De pronto, tal intento revelou-se uma façanha e tanto, mesmo para quem trabalha com os intrincados meandros taxonômicos da literatura, de modo a suscitar o gosto pelo desafio e a atizar o lado mais curioso presente em todo investigador; pois sendo claramente em sua maioria um conjunto de narrativas policiais, com toques de espionagem e de suspense (categorias aparentadas que comumente se entrecruzam), o que logo ao subtítulo se apresenta ao nos depararmos com um protagonista-detetive, as histórias protagonizadas por Benjamim Tormenta, vulgo o bruxeiro, autointitulado Detetive do Oculto, igualmente enquadram-se na mui recente categoria da fantasia urbana, filha mais jovem do anglicíssimo gênero.

Ora, por definição a fantasia urbana já aponta o matrimônio entre fantasia e investigação, como atestam os já clássicos nomes do gênero

como *The Dresden files*, de Jim Butcher, protagonizados pelo detetive particular e mago Harry Dresden, as bandas desenhadas *Hellblazer*, centradas no multimidiático demonologista John Constantine, ou ainda a série de *Alex Verus*, assinada por Benedict Jacka. Ou seja, fosse só isso, já teríamos margem para longas conversas em torno das diversas e possíveis interpretações e especulações de cada uma das histórias de Corte Real; não promoveria, porém, grande debate teórico.

Todavia, o imbricamento genérico presente nas aventuras de Tormenta não se detém nessa camada mais visível, ainda que completa, pois, uma vez iniciada a leitura, de pronto viajamos no tempo ao adentrarmos a Lisboa recriada onde vivem o célebre detetive e Adama Ramanujan, vulgo Raj, seu fiel amigo indiano, braço-direito e assassino implacável, mordomo e quase mãe postiça (tamanho seu cuidado para com o bruxeiro), espécie de Capitão Nemo revisitado (não o de Jules Verne, mas antes o de Alan Moore em sua *Liga Extraordinária*). Viagem no tempo, sim, mas não porque haja contos e novelas de ficção científica que explorem os vais-e-vens temporais tecnologicamente – ao menos, não no sentido mais evidente do termo – dentre os textos que compõem o presente volume ou mesmo o anterior (mas quem sabe os caminhos futuros que o Detetive do Oculto percorrerá?), mas, sim, porque as aventuras de Benjamim se passam numa Lisboa de outrora (e também numa Macau, numa Sintra, num Porto d’antanho), do tempo dos reis, mais precisamente da década de 1870, ano em que, não por acaso, o romance policial despontou em terras portuguesas pelas mãos de ninguém menos que o próprio Eça de Queirós, que juntamente com seu amigo Ramalho Ortigão, deu à luz o icônico *Mistério da Estrada de Sintra*.

Dito em outras palavras, Corte Real envereda pela narrativa de cunho histórico, reconstruindo cenários, ressuscitando casos, recuperando personalidades – dentre as quais o próprio Eça! –, o que evidencia uma pesquisa cuidadosa e apurada, de quem se diverte ao (re)viver um passado que, se por um lado não aconteceu exatamente como retratado, por outro, espelha-se nas sinuosas ruas da mágica

paisagem lisboeta, palco principal das investigações do bruxeiro. Eça, aliás, é o “padrinho”, por assim dizer, desse Portugal povoado por demónios e criaturas místicas, como declarado pelo próprio autor, ao revelar, em nota ao fim deste volume, uma admiração incondicional ao autor d’*O Crime do Padre Amaro*.

Nesse sentido, à medida que reconstrói personagens históricas e ambientes, com precisão, mas eivados de elementos sobrenaturais, Corte Real não constrói apenas narrativas históricas, mas também, e a um só tempo, com traços de fantasias históricas (mais um dos subgêneros da tão prolífica *mother fantasy*) e de histórias alternativas, categoria especulativa por vezes associada à ficção científica, em cujos enredos imaginamos uma versão distinta para acontecimentos verídicos, caso uma pequena alteração dos fatos transformasse todo o rumo do espaço-tempo, como se, por exemplo, o processo dos Távora – tema da minha história favorita do primeiro volume – tivesse sido influenciado e motivado por um verme cósmico (reminiscência de Poe, de Mike Mignola ou quiçá de ambos?) devorador e controlador de cérebros em vez de ter se tratado simples e lamentavelmente de uma disputa política. Acho que este exemplo demonstra bem aonde quero chegar.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar que o horror igualmente se faz presente, caminhando por vezes para um viés de cunho gótico essencialmente oitocentista, ou para um *weird* particular, cuja estranheza se traduz em cosmicidade quase apocalíptica e bastante lovecraftiana. Ainda assim, é preciso dizer que nem todas as narrativas são nem por isso necessariamente fantásticas. No texto que abre o presente volume, estamos de certo modo mais perto da esfumaçada e enlameada Londres de Sherlock Holmes do que da vampírica e amaldiçoada cidade onde se passam as tristezas da série *Penny Dreadful* (outras das referências evidentes que permeiam o imaginário do Portugal de Tormenta), dualidade entre o mimético e o insólito que só corrobora a verossimilhança inerente na reconstrução desse passado possível do Bairro Alto onde vive Tormenta.

A esta altura o leitor talvez esteja cansado de tantos termos e conceitos (o que espero não ser o caso), ou talvez esteja ainda mais curioso e instigado para prosseguir com a leitura (o que sempre foi meu intento), pois tamanha miscelânea de gêneros e vertentes distintos obviamente não é nada ordinária, como não o é a escrita e as fontes do autor. E como deve ter percebido o mesmo leitor arguto, tal convergência de gêneros explica-se – e justifica-se – em grande parte por um imenso manancial de referências, reminiscências, menções explícitas ou ocultas ao qual recorre Corte Real, revelando não só erudição como conhecimento do popular e do *pop* (característica, aliás, essencial para o ofício de editor que também exerce), o que se acentua pela familiaridade com que trabalha a tradição do fantástico em sua abrangência, desde suas obras basilares até suas tendências contemporâneas mais em voga no cenário nacional e internacional.

Em meio a isso, Luís não esconde seus gostos e predileções; cada título traz uma evocação, em cada recôndito há uma piscadela ao leitor atento, em cada página parece haver algo escondido – e em muitas de fato há, como se há de descobrir –, o que de modo algum significa ausência de autenticidade. Ao contrário, se algo tentei mostrar ao discorrer ao longo dessa introdução sobre as nuances de estilos narrativos aos quais o autor recorre, foi justamente o quanto as aventuras de Benjamim Tormenta se apresentam como algo novo, aliás, inovador, não só em Portugal, mas também no seio das literaturas de língua portuguesa, quiçá na fantasia em sua percepção mais ampla.

Pois, se por um lado, certa noção de fantástico passeia pelo imaginário lusófono já em seus primórdios, desde às cantigas, passando por Camões e Gil Vicente, até a magistral *Dama do Pé de Cabra* de Alexandre Herculano, que abre alas para toda uma vertente sobrenatural no âmbito do romantismo português e de seu homólogo brasileiro ao longo dos séculos XIX e XX, por outro, a fantasia – talvez o gênero de maior sucesso, alcance e repercussão na atualidade – ainda patina para se fazer ouvir na língua dos *Lusíadas*, mesmo se alguns nomes já se fazem conhecer, seja em Portugal, como Bruno Martins Soares, o “George R. R. Martin português”, seja em África, onde outras

concepções de realidade e imaginário se mesclam em busca de novas tendências e novas vozes que desarticulam as classificações-padrão dos países ocidentais, seja no Brasil, onde uma atualíssima geração de autores, como Felipe Castilho e Eric Novello, alterou o cenário local nos últimos dez anos com uma grande variedade de publicações, expressivos números de venda e elogios da crítica, trazendo cada um a seu modo novos ares às múltiplas facetas da *fantasy*.

Ainda assim, é nesse contexto em que persiste uma carência de variedade de narrativas de fantasia, de ficção científica e de horror autênticas, que traduzam um legítimo sentimento lusófono e, no caso de Tormenta, um sentimento essencialmente lusitano, que nascem as narrativas de Luís Corte Real, um amálgama de referências *cult* e *pop*, nacionais e internacionais, aclimatadas, antropofagicizadas, reimaginadas e reinventadas ao espírito de nossa língua e do imaginário português. E tudo isso confere ao Detetive do Oculto um caráter único de (anti-)herói do nosso tempo, a despeito de se tratar de uma personagem dos oitocentos, pois traduz esse valor de mundividência, de inter-referencialidade e de transnacionalismo, algo vital em nosso mundo globalizado; uma literatura feita por quem – e voltada para quem – ao mesmo tempo se vê representado nos clássicos da literatura universal, na fantasia mais atual, no cinema mais comercial, nas mais cultuadas bandas desenhadas, nas histórias mais esquecidas, e nas mais aclamadas séries televisivas da atualidade. E, por isso, ousa dizer que as aventuras do bruxeiro – fazendo coro ao já dito por Luís Filipe Silva no prefácio do volume anterior – caberiam à perfeição em qualquer uma dessas nobres linguagens e, em particular, à rentosa arte audiovisual que carece de adaptações literárias não anglófonas.

Dito isso, gostaria de concluir comentando brevemente que alguns elementos introduzidos nesse volume demonstram em que medida suas narrativas se expandem e complementam o mundo que conhecemos anteriormente em *O Deus das Moscas Tem Fome*. Nesta nova coletânea, não mais acompanhamos apenas o olhar do bruxeiro, mas também a visão de seus aliados, amigos e inimigos. Antes, descobrimos seus propósitos e anseios, pouco a pouco, conforme

confrontava perigos, desvendava mistérios e convivia com Lamashtu, o demônio de boca suja que habita seu próprio corpo, numa relação parasitária que ora se revela uma benção e quase sempre se mostra maldição; agora, temos acesso a outros olhares, vindos daqueles que o invejam, daqueles que o admiram, daqueles que o desejam, daqueles que o temem. E através desses olhares, conhecemos não apenas outras facetas de Benjamim Tormenta, mas também de sua amada Lisboa, com particular destaque ao Chiado e ao Bairro Alto que tão bem traduzem a alma oitocentista e o sentimento lusitano encarnado pelo detetive. Assim, ao lado dessas personagens, matamos um pouco da saudade desse Portugal do oculto que nunca antes conhecemos, mas que estávamos, talvez ainda sem o saber, ávidos por descobrir.

Bruno Anselmi Matangrano é Mestre e Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e investigador de literatura fantástica (em especial, dos subgêneros da fantasia) e da literatura produzida no fim do século XIX. É também autor de Contos para uma noite fria (2014) e Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo (2018), com Enéias Tavares.



UM TIGRE- DE-BENGAJA NO CHIADO

*OU UMA AVENTURA DE RAMANUJAN,
CRIADO DO SR. BENJAMIM TORMENTA*



PARA ENID BLYTON, QUE ME ENSINOU
A IMPORTÂNCIA DE UMA AVENTURA
E DE UMA AMIZADE



Lisboa
1874

Na **Cervejaria Jansen**, as canecas, batidas sem cessar sobre o mármore branco das mesas de grandes dimensões, lembravam uma orquestra estranha e descompassada, dando ao quadro um ambiente peculiarmente alemão. Numa mesa ao canto, onde a luz da manhã ao cruzar a montra chegava com preguiça, Quintino Lousada beberricava uma genebra, passava os olhos aguçados pelos jornais do dia, e aguardava. De corpo pequeno e roliço, assentava-lhe no pescoço uma cabeça demasiado grande, não a ponto de as crianças na rua lhe apontarem o dedo e o riso desdenhoso, mas o bastante para que um desconhecido, ao lhe ser apresentado, sentisse que algo não inteiramente correto havia na sua pessoa – uma subtilidade que ofendia a beleza e a harmonia. Quintino Lousada podia ser um homem trivial e libertino, mas o seu pensamento estava longe de ser estreito e sabia compensar a infelicidade das suas proporções com uma *toilette* cuidada; para isso, antes de sair de casa, toda a sua atenção se concentrava diante do espelho, no alfinete de coral e pérola para prender a gravata, no colete branco que abotoava e ajustava com

a devoção com que um padre novo, na exaltação casta da primeira missa, se acercava do altar; sobre a cabeleira densa, que frisava com brio todas as manhãs, enterrava um belo chapéu de palhinha. E assim, digno, apumado, escarolado, com perfil de jurista, as sucinhas negras espetadas e um ar próspero, ia gerindo *O Estandarte* – o jornal que herdara de um tio com ímpetos republicanos –, seduzindo amantes vulgares, insinuando-se nos salões da capital e usufruindo da sua boa herança de trinta contos em prédios e inscrições.

Um criado de indumentária *belle époque* – casaco preto e grande avental branco em trespasse, pançudo e exibindo bigodeira farta – trouxe finalmente o fumegante *bife à Jansen*, bem regado com a saborosíssima cerveja da casa, e um copo de limonada gasosa. Quando o levava aos lábios, os olhinhos de Quintino Lousada, pequenos, escuros como moedas de tostão, deram com o seu convidado à porta. Thiago Nunes sacudia do jaquetão surrado a poeira da Rua do Alecrim e hesitava, atordoado pelo ruído e pela animação do estabelecimento. Quando o seu olhar se cruzou com o de Lousada, esboçou um sorriso feio, de dentes estragados, tirou as lunetas azuis e aproximou-se com os cabelos compridos e gordurosos a caírem-lhe sobre a gola. Quintino Lousada não gostava do jornalista. Nunes fora afastado do *Diário de Notícias* há algumas semanas, pela mão do próprio Eduardo Coelho, e isso apenas o tornara ainda mais seco, invejoso e azedo. O diretor d'*O Estandarte* não queria ser visto a almoçar com ele no Tavares Rico ou no Augusto, fora por isso que escolhera a Jansen, um refúgio de gente mais moça e banal. Não se incomodou a levantar-se, limitando-se a apontar, com a faca suja, para a cadeira do outro lado da mesa enquanto levava, com o garfo, um naco succulento de bife aos lábios.

Thiago Nunes sentou-se e mirou o diretor que mastigava diligentemente. Não gostava dele; sabia-se desprezado e, por isso, devolveia o desprezo com furor – mas discretamente, para que Lousada não desse conta. Achava-o um medíocre, um superficial, que furara, subira, instalara-se à larga na prosperidade apesar do mau pensamento e da péssima ortografia. Já ele, que não tinha uma coragem

preguiçosa nem uma dignidade desabotoada, que era esperto e industrioso, virara uma tumba: pobre, endividado, sem reconhecimento, estava farto do seu quarto andar na Baixa, dos seus jantares de doze vinténs, do seu paletó coçado de alamares. Mas tudo ia mudar e Quintino Lousada, apesar de todas as suas imperfeições, era o homem de que carecia para finalmente aceder às felicidades que a vida lhe devia: a respeitabilidade de jornalista com verve, um *coupé* para as visitas, uma mulher loura com dote. Mas agora estava com fome, e olhou com submissão para o prato do diretor, onde o bife se afogava em molho. Este, numa resignação generosa, sem parar de mastigar, fez sinal a um empregado, indivíduo bonacheirão ruidoso, para que trouxesse outro bife.

Pouco depois comiam e falavam. E é assim que nascem as maiores conspirações.

— E então, o que descobriu sobre o homem?

— Descobri que tem segredos embrulhados em segredos, senhor diretor.

— Pois sim, isso já todos sabemos; mas é necessário revelar escandaleira sobre a criatura, colocar o dedo fundo na ferida — e agitava o indicador gordo para o demonstrar. — Temos de fazer titubear o Parlamento, o Conselho de Ministros; a tremedeira tem de chegar ao próprio palácio da Ajuda.

— E vai chegar, senhor diretor. Para a semana, tudo vai tremer, como em cinquenta e cinco, não vai sobrar pedra sobre pedra em Lisboa. — Baboso, o jornalista afagava a ambição de Lousada. — E vai ser *O Estandarte* a agitar esta capital adormecida e agonizante; o jornal que Vossa Excelência dirige vai andar nas bocas do mundo... Até em Paris vão louvar a sua ousadia!

O diretor levantou os olhinhos brilhantes e visualizou a capa do seu jornal nas mãos de todos os grandes do país; talvez Nunes nem exagerasse, talvez as edições chegassem efetivamente às salas de leitura das maiores capitais europeias; quando, na semana que se avizinhava, *O Estandarte* iniciasse aquela série de artigos demolidores, ia gerar ondas de choque nos clubes e salões mais exclusivos, nas

academias, nas tertúlias políticas e artísticas dos grandes cafés, até nas calçadas onde o zé-ninguém comprava o jornal apenas para o ler encostado a uma esquina. E então, levado pela correnteza desse entusiasmo, imaginou, flutuando junto ao teto do estabelecimento tal qual uma bandeira desfraldada, a capa do próximo número – onde o seu nome aparecia sob o título, como o artista que assina a obra de arte –, exibindo a ilustração de um homem misterioso, ameaçador, de bigode e barba aparada, ao lado de letras garrafais que anunciavam: TODA A VERDADE SOBRE O BRUXEIRO, O FACÍNORA SATÂNICO DE EL-REI.

* * *

Adama Ramanujan apeou-se de um *coupé* de praça que viera parar diante da ilha dos galegos. Entre o Chiado e o Bairro Alto, ao centro do Largo das Duas Igrejas, era ali, naquele pedaço redondo de calçada com um solitário poste a gás, que funcionava o quartel-general oficioso dos galegos, moços de fretes, serviçais solícitos, de múltiplas utilidades, os melhores mensageiros do amor. O criado pardo pagou ao boleeiro que fez caracolear o cavalo e estalou o chicote.

Estava-se no início da primavera, a lama que se acumulava nas enxurradas do inverno já havia sido limpa e ainda era cedo para a famosa poeira do Chiado que sufocava os viandantes nos meses de calor. Naquela manhã luminosa, estar na Rua do Chiado era como estar em França: francesas eram as lojas, franceses os negociantes, da mesma origem as mercadorias que se exibiam nas montras. Por ali passava o grande mundo e também tomava, mais do que em qualquer parte, o feitio e as maneiras dos parisienses do *boulevard des Italiens*. Havia um tal movimento de carruagens elegantes, de mulheres em trajos roçagantes, de oficiais aprumados dentro dos seus uniformes, de janotas que assestavam os monóculos, de beldades que se requebravam, agitando leques, que o excursionista distraído poderia crer-se em Paris. Em dias mais afortunados, até se podia ver passar o rei D. Luís, sem escolta nem vigilância policial, num *faeton* puxado

por duas parelhas; ou a sua esposa, a rainha D. Maria Pia, montada num soberbo cavalo, rigorosa no seu traje de amazona, vestido quase até ao solo, luvas de canhão amarelo, chapéu alto e um grande véu azul palpitando aos sopros da brisa.

Ramanujan desceu em direção ao palácio de Barcelinhos, antigo Convento do Espírito Santo da Pedreira, e a sua figura causou sensação. Alto, maciço, com longas barbas negras que, sendo brancas, seriam de profeta, vestia um elegante *sherwani*, espécie de túnica justa, de seda azul-escura. Apertava-lhe a cintura larga de caudilho uma faixa carmim onde rebrilhava um punhal curvo, e o turbante negro, que lhe envolvia a cabeça digna, fechava com uma pedra vermelha que parecia vinda do tesouro de um marajá. Não era apenas a sua indumentária que atraía olhares, era o seu passo lento, confiante, imperioso, como um tigre-de-bengala se o embrulhassem em civilização. Raj deliciava-se com cada segundo.

Passou por um grupinho de dominicanos estrangeiros, de tricórnios e capotes negros sobre os hábitos brancos, que cumprimentou com uma leve mesura. Já se sentia no ar, e nas decorações que os comerciantes e a municipalidade começavam a erguer, que faltavam poucos dias para a Semana Santa, quando o clima do Chiado tomaria uma tonalidade de sentimental respeito e a visita aos templos seria da praxe. As senhoras elegantes, rigorosamente vestidas de negro, iriam coalhar os passeios e fazer parar o trânsito dos *coupés*, na travessia beata da igreja do Loreto para a da Encarnação, dos Mártires para o Sacramento. Depois viria a procissão dos Passos, que saía da Graça para São Roque, levando a imagem do Senhor num andor encoberto por um camarim de damasco roxo e galão de ouro. Recebida a imagem pelos jesuítas babosos à porta do templo de São Roque, ali ficaria um dia exposta à devoção dos fiéis, para regressar à Calçada da Graça depois de atravessar as Portas de Santa Catarina, a Calçada de Paio Navais, a Rua dos Escudeiros, a Mouraria e a Calçada de Santo André. O criado pardo não perdia uma procissão, não porque apreciasse aquela imensa manifestação religiosa que datava do reinado dos Filipes, mas porque a achava sórdida, sombria, feita de vultos

trajados de negro, espinhas curvadas, olhares carregados pousados no macadame e mãos nervosas remoendo rosários gastos – mirava a procissão com a curiosidade mórbida com que se olha para um camponês atropelado na berma do caminho; nada tinha em comum com o Holi, a festividade que, pela mesma altura, na sua terra natal, comemorava a chegada da primavera e celebrava a lenda de Radha e Krishna. Aí, tudo era música, dança, rostos pintados de mil cores e nuvens de pó colorido sopradas sobre a multidão em festa. Mas Raj não queria recordar o que deixara em Karnataka – esse passado não era para revolver ou desenterrar. Estava no Chiado, no seu passeio higiênico de domingo, e era o que se podia considerar um homem feliz. Tinha uma camisa para levantar no senhor Keil e pretendia passar pela Jerónimo Martins para ver se já tinham chegado os biscoitos ingleses que tanto ele como o *sahib* apreciavam mordiscar com o chá.

Os olhos atentos do criado já haviam visto a mais despudorada riqueza e a mais abjeta pobreza. Por isso, era com uma sabedoria contida que o seu olhar luminoso deslizava pelas fachadas e pela malha humana que continham. Aquele Chiado, com as suas esquinas tagarelas, servia para fazer e desfazer as grandes reputações. Na sua esteira brilhante, era calcorado pelo que de mais representativo se continha nas artes, nas ciências e na literatura – grupos de notáveis a que se juntavam outras figuras que constituíam o grande pitoresco, o alto nível da sociedade lisboeta. Por ali passavam, em banal ou premeditado *trottoir*, ou se demoravam em conversa animada e brejeira, ou ainda no disparo de dichotes atrevidos, o magistrado, o artista, o banqueiro, o capitalista, o conselheiro, o par do reino, as gentes de teatro, o galanteador profissional, o sedutor encartado, o boémio-brigão. Mas, como todas as cidades, também Lisboa tinha sombras escuras que ocultavam desgraças; e, talvez mais lamentável, eram os infortúnios expostos à luz do Sol mas invisíveis ao olhar egoístico. Como as costureirinhas que Raj via passar, alquebradas, a horas vagas, a caminho de suas casas, no geral para os lados dos populosos bairros de Alcântara, Fonte Santa e Terramotos, extenuadas pelo dia de trabalho e prolongado serão – porque a mestra

prometera, para aquela noite, certa encomenda de monta. Com os seus vestidos pobres de chita, sobraçando o cestinho de verga em que ia a louça do farnel, que mal dera para matar a fome, simulavam ar alegre e prazenteiro na conversação de colegas. Mais não eram, para os grandes da cidade, do que pedras invisíveis da calçada que se pisavam e sobre as quais se escarrava. Havia também as vendedeiras de violetas, criaturas vencidas pela idade, às quais o vício roubara os reduzidos traços de beleza que haviam possuído, tudo perdido em descuidada mocidade – em todas elas, apesar dos pregões sonoros, se podia sentir a tristeza e o desamparo; havia ainda as sopeiras chegadas da província, de cabelos arrepiados, brincos pesados nas orelhas, faces rosadas da excelente saúde, com saias rodadas, sombrinhas em riste e xailes no braço, acompanhadas já pelos magalas besuntões, os polícias de hirsuta bigodeira ou os fadistas de navalha fácil que as iam usar e perder. E toda a outra pobreza igualmente invisível, como a dos ardinias, que corriam descalços a cidade e bradavam clamorosamente, num alarido perturbador: «Última hora! Leiam o horrível crime da Rua da Bombarda!»; os cauteleiros que, apesar da dignidade do uniforme, escondiam a fome envergonhada; ou as varinas, de canastra à cabeça, guapas e sedutoras, fulcro da paixão de tantos cavalheiros, que, enquanto lançavam o seu pregão musical «Ó vivinha da costa!», cuidavam dos filhos que tinham em casa prostrados com tuberculose.

* * *

— Ali vai ele, o maldito monhé do bruxeiro — murmurou Thiago Nunes, segurando Quintino Lousada pelo braço. A sua voz soou desagradável como um cume gelado quando continuou: — Um inchado, um presunçoso, um burlesco. Mas consta que o Tormenta confia nele como Cristo não confiava em Pedro...

O diretor olhou para o estrangeiro de aspeto grave que descia dos lados do Loreto. Percebia a hostilidade do jornalista para com ele; era como o rafeiro invejoso que, da segurança proporcionada

por fortes grades, ladrasse desafiante a um leão que passava. Inchado, sem dúvida; presunçoso, quiçá; mas certamente que não burlesco. O serviçal era uma figura intimidante e Lousada, que se julgava um bom avaliador de caracteres, teve um estremecimento ao observá-lo. Começou a enrolar um cigarro e perguntou:

— Se o criado vem todos os domingos *fazer o pote* ao Chiado, porque nunca aproveitou para o seguir até casa? É precioso saber onde mora Benjamim Tormenta!

Nunes passou os dedos pelos cabelos compridos, brilhantes e cheios de caspa.

— Paguei a um galego para o fazer, mas o homem sumiu com o dinheiro. Vou eu mesmo segui-lo hoje, senhor diretor. E se for de feição, pelo caminho meto conversa com o indivíduo; ainda está para nascer o monhé ou o preto que me amedronte.

Lousada não achou sensatas aquelas palavras, mas calou-se. Soprou à brisa o fumo do cigarro e continuou:

— Descobriu alguma coisa sobre a morte do visconde do Cercal, em Macau?

— O suficiente para saber que o bruxeiro teve mão nela. A família de Alexandrino de Melo pressionou o governador do território para acusar Benjamim Tormenta mas o ministro da Guerra obrigou a abafar tudo.

O diretor sapateou o chão com fúria e resmungou entre dentes:

— Esse Sr. Fontes está sempre pronto a varrer para debaixo do tapete as imundícies que o detetive do oculto deixa no caminho.

— Também deve estar na mão do bruxeiro, tal como el-Rei, formando os três uma sinistra capelinha de conjurados. Sobra apenas a Igreja, senhor diretor, onde Tormenta não beneficia de qualquer proteção.

— Ainda a história do cardeal patriarca?

— D. Inácio odeia o bruxeiro com furor e não perde uma oportunidade de desmascarar a influência nefasta que ele tem junto do rei. Diz que o bruxeiro é um ser diabólico que vai perder a família real. Não há bispo no império ou pároco de província que não tenha disso sido informado.

— Seria interessante explorar esse ângulo num dos primeiros números, senhor Nunes. Com a Igreja do nosso lado, a opinião do povo tomba para nós.

— Sua Eminência Reverendíssima vai escrever uma carta aberta sobre o assunto, senhor diretor. Vai ser de rachar, acredite!

Passando as mãozinhas pelo ventre proeminente, Quintino Lousada apercebeu-se de que já sabia qual ia ser o tema do seu editorial, quando, na semana que aí vinha, fosse para o prelo o jornal com o primeiro artigo sobre Benjamim Tormenta.

— Como os carrascos... — murmurou, de forma ininteligível, mais para si do que para o seu companheiro.

— Peço perdão, senhor diretor!

— Como os carrascos, senhor Nunes; vou sugerir no meu editorial que a sociedade portuguesa trate o bruxeiro como o verdugo da Idade das Trevas.

O jornalista quis saber como isso era e o diretor não perdeu tempo a explicar.

— O carrasco, aos olhos dos nossos antepassados, era alguém com um toque tão profano que não podia entrar em contacto com outras pessoas ou objetos sem os alterar profundamente. Assim, apenas podia habitar nos arrabaldes das cidades, e era forçado a trazer uma marca do seu ofício no traje, para que as pessoas de bem se pudessem manter afastadas.

— Esse vai ser um editorial de estalo, senhor diretor — elogiou Nunes, colocando as lunetas azuis sob a franja oleosa. — E Vossa Excelência tem toda a razão: um homem que dizem falar com espíritos, com as mãos metidas até aos cotovelos num mester tão negro, deve viver apartado, como os judeus, os leprosos, como as mulheres de mau porte.

Satisfeitos com o desenrolar da conversa, e a uma distância prudente, retomaram os passos atrás do criado pardo que já cruzara a rua.

* * *

Diante da chapelaria Gresielle e Irmão, fornecedora da casa real e que, por isso, exibia com orgulho as armas reais na frontaria do estabelecimento, Ramanujan parou subitamente. Na montra exibia-se uma coleção de chapéus importados, de senhora e de cavalheiro, que lhe fizeram as delícias. Para o antigo *tugue*, o chapéu personificava tudo o que havia de mais apreciável na civilização: a mútua deferência e o apreço do homem para com o homem. O chapéu era a matéria-prima da civilidade, sem ele, não haveria cortesia possível ao ar livre. Traduzia, nos seus meneios, todos os requintes da benevolência e do respeito: a saudação dos cidadãos entre si; a homenagem do sexo forte ao sexo gentilíssimo; a veneração aos templos e aos grandes da terra; e os cortejos cordiais entre conhecidos, fossem eles iguais ou desiguais. O chapéu representava o mais conspícuo papel nas relações urbanas; um palmo a mais ou a menos no arco descrito pela curva da cortesia dava logo a medida de quem se era. Chamou-lhe a atenção uma cartola cinza-rato, com forro de cetim alvado, que poderia substituir uma outra que Tormenta danificara. O olhar fugiu-lhe para o seu reflexo na vitrina impecavelmente limpa, sorriu agrado, e ia retomar a descida pela Rua do Chiado quando se apercebeu do reflexo de duas figuras que pareciam observá-lo do outro lado do macadame. Torceu cuidadosamente as extremidades dos bigodes, penteou as sobrancelhas grossas e pôs-se a caminho.

Já na Rua Nova do Almada subiu à alfaiataria do senhor Keil. Tomado como homem culto, elegante de maneiras e de espírito vivíssimo, privando com todos os componentes de elevado escol da fidalguia, finança, artes e letras, o alfaiate era classificado como o mais elegante da capital. Estava de saída o barão de Roussado, que, levando a mão ao coco, se afastou com um embrulho volumoso numa mão e a bengala com castão de ouro na outra. O Sr. Keil recebeu Adama Ramanujan com uma mesura soberba, um sorriso rasgado e muitos cumprimentos para o *Mrr. Tormenta*, carregando impunemente, apesar de há tantos anos em Portugal, em todos os *rr* que pronunciava. A camisinha de seda estava pronta, embalada e paga, e o criado



passou os olhos pelos manequins onde o Sr. Keil e o seu contrames-tre armavam casacas com requintes de arte. Seguidamente, aproxima-mou-se com passos leves de uma janela e, no abrigo das bambinelas de repes verde-escuros, espreitou a rua. Lá estavam os dois homens à esquina: um *dandy* anafado, com cabeça de gigante num corpo curto; e um mais alto, magro como um cabide, de aparência suja e desarru-mada. Virando-se para o alfaiate, despediu-se com um *shake hands* caloroso e desceu à calçada.

Para medir a paciência dos seus perseguidores, e porque lhes queria descortinar os intentos, decidiu almoçar pelo Chiado. Optou pelo Restaurante Club, que servia por lista a qualquer hora, tinha ga-binetes confortáveis e onde se dava bom uso a oitocentos réis. Tinha também a vantagem de, entrando pela Travessa de Estevão Galhardo, beneficiar de vista desimpedida para o Chiado. Foi recebido pelo próprio proprietário, o famoso Silva, que levou Raj até um gabinete depois de atravessarem a esplêndida sala de jantar em cujos espe-lhos, de molduras douradas, estavam gravados nomes, datas e acon-tecimentos em que tinham intervindo personalidades da alta-roda e muita distinção. No ar havia ruído, vozes alegres, estalares de ro-lhas, toda a feição de uma ceia de homens; Silva desculpou-se com um encolher de ombros, revelando que eram os foliões da *Gazeta do Chiado*, que, num gabinete ao lado, redigiam o semanário satírico. Ao criado não incomodavam as gargalhadas, até porque da sua mesa via a rua e a rua via-o a ele; os dois indivíduos, sabendo onde ele se encontrava, podiam aguardar.

Depois de um prato complicado e profundo de bacalhau, pimen-tos e grão-de-bico, acompanhado por um *Carcavelos*, decidiu que era hora de partir. Pretendia ainda dar o seu passeio habitual, para exer-citar as pernas e desmoer o almoço, até às bonitas hortas de Benfica ou do Aqueduto das Águas Livres. Era com genuíno gosto que parti-cipava nessas romarias da Lisboa popular que, chegada a primavera, partia, sem destino certo, para os arredores da capital, por caminhos rodeados de muros antigos, quintarolas e casinhas langorosas que se perdiam nas encostas. Obrigatórias eram as paragens nos retiros com

nomes originais e sugestivos: Perna de Pau, Quebra Bilhas, Ferro de Engomar ou Manuel dos Passarinhos. Nessas casas afamadas cruzavam-se todos os peregrinos que iam às hortas: os pais com fatos domingueiros rodeados de filhos, os fidalgos excêntricos, os fadistas e os toureiros espalhafatosos.

O dia prometia ser de canícula, mas para Ramanujan nunca se compararia ao verão indiano. Depois de aprumar o bigode diante de um dos espelhos colossais e se certificar de que todo o seu traje estava alinhado e harmonioso, desceu à rua. Apenas um dos homens aguardara por ele, o magro das botas empoeiradas. Pensava estar escondido por ter ficado no fundo da rua, encostado a uma ombreira, fumando com pose de tédio.

* * *

Thiago Nunes amaldiçoava a sua vida. As botas doíam-lhe, as virilhas reclamavam, coçadas do calor; já tirara o jaquetão, abrira a camisa, guardara a gravata no bolso. O vale de Alcântara ficara para trás e o indiano continuava a marchar, adiante, no caminho, como se passeasse pelas sombras frescas do Passeio Público ao invés de o fazer por trilhos irregulares, inclinados, e batidos pelo sol da tarde. Esperto fora Quintino Lousada que, com pretextos de ter uma espanhola à espera, deixara o jornalista sozinho. Mas Nunes sabia que cada passo que dava era um investimento que fazia na sua pessoa; estava finalmente a agarrar a sua *chance*. Podia ter ficado na província e ter aceitado um partido da Câmara, com casinha própria e uma criação no quintal. Mas tinha um orgulho resistente, muita fé nas suas faculdades, e não se queria ir enterrar numa terriola adormecida e lúgubre, com três ruas onde os porcos fossavam. Toda a província o aterrava: via-se lá obscuro, esquecido, jogando a manilha e morrendo de marasmo. Por isso não arredava pé de Lisboa; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, a sua *chance*. Como ela tardava a chegar, com o passar dos anos tornara-se despeitado e amargo; o golpe final fora a demissão do *Diário de*

Notícias – sentira que perdera o pouco que tinha e contemplara tirar a própria vida nas águas do Aterro. Mas então, no desespero da sua hora mais negra, tivera uma epifania. Nunes, como todos os amuados com a vida, desprezava as pessoas em geral, tendo um ódio particular aos burgueses abonados, aos fidalgos afetados e, acima de tudo, à figura do rei. A epifania versava sobre D. Luís: e se fosse atrás dele com a sua pena? Se redigisse uma série de artigos que o ferisse implacavelmente, que o demolisse aos poucos, que o tornasse malquerido pelo povo?

Ajeitando as calças curtas que mostravam o elástico roto das botas, fora à procura de Quintino Lousada na redação d'*O Estandarte*. O diretor era um republicano, mole e covarde, é certo, mas dirigia um periódico com potencial. Ganhando coragem, evitando roer as unhas, agigantara-se e propusera-lhe uma revolução no jornalismo amorfo que se praticava em Portugal: uma sequência de artigos cheios de verve, controversos e impiedosos sobre Benjamim Tormenta, detetive do oculto, esbirro de confiança de D. Luís. Iam faltar o bandullo de tanto vender jornais! O homem a quem chamavam bruxeiro era uma espécie de lenda nebulosa na capital do império; havia quem não acreditasse sequer na sua existência, como não se acredita nas histórias do homem do saco. Mas Tormenta era de carne e osso, com portas franqueadas no palácio da Ajuda, nos gabinetes dos ministros e presença habitual nos salões mais luxuosos, como o de Luísa Holstein no palácio do Rato. Ferir o esbirro era atingir o próprio rei.

Nem há uma quinzena de dias, quando já tinha a anuência entusiasmada de Quintino Lousada para a série de artigos, Nunes vira o detetive, com os próprios olhos, a sair da igreja de Santo Antão do Tojal, por ocasião do faustoso casamento de Maria Amália Vaz de Carvalho com o poeta António Crespo. Fora a primeira vez que se cruzara com ele e acusara a experiência. O detetive era um homem alto, distinto, de pose despreocupada e movimentos precisos, adivinhando-se, sob o paletó, uma musculatura saliente num corpo de soldado. Exibia faces estreitas, harmoniosas mas austeras, bigode e barba aparados, cabeleira caindo até aos ombros, olhos frios como

rebites de ferro. À mirada impressionável do jornalista, o detetive pareceu sucessivamente um colosso temível, um espião sinistro, um assassino frio, um demónio no corpo de um homem, como o *incubus* das lendas. De regresso à Baixa, não mais conseguira afastar a figura de Tormenta da sua mente febril. À noite fora um martírio para adormecer, revirando-se sem cessar na cama estreita do sótão abafado a que chamava casa. Quando finalmente o cansaço levava a melhor, fora para acordar de supetão com suores frios e um vago terror: sonhara com o bruxeiro desnudado, num corpo vibrante de estátua grega, estendido sobre o seu próprio corpo que jazia langoroso e disponível. Para sua vergonha, em vez de ter odiado a experiência, surpreendeu-se com uma ereção dolorosa que demorou uma eternidade a afrouxar, mesmo depois de ter esponjado as partes baixas com a água fria da pia. Posteriormente à vergonha veio a fúria; chorou sentado no colchão duro, batendo com os punhos nos joelhos magros que a camisa de dormir não cobria, e teve a certeza de que já nem era o rei que queria rachar: era Benjamim Tormenta. Ia revirar-lhe a vida, descobrir a sua roupa suja e lavá-la nas águas imundas do Aterro. O povo dizia que ele havia salvado a vida de D. Luís em sessenta e um? Pois se o povo acreditava nisso, também podia ser feito acreditar o seu contrário: que fora o bruxeiro a tirar a vida ao rei D. Pedro, com o único propósito de fazer chegar D. Luís ao trono – títere que agora manipulava com gosto. Contava-se que o bruxeiro era íntimo do imperador Napoleão III e do próprio Guilherme I da Alemanha? Não seria difícil fazer os leitores crer que essa intimidade podia ser devoção, e que não só a morte do monarca mas também as dos seus irmãos, os príncipes João e Fernando, tinham sido ordenadas por Paris ou Berlim por razões obscuras relacionadas com as colónias africanas. Nessa madrugada agitada, a mente alucinada de Nunes, alimentada pelo azedume, efabulara rumores, alvoroços e sussurros em redor da figura do detetive, que pretendia distribuir, nas semanas seguintes, pelos números d’*O Estandarte*. Era a sua *chance* e Nunes não ia desperdiçar a sua *chancezinha*.

O criado passava diante do retiro da Tia Iria sem abrandar o

passo. Beneficiando da sombra das árvores altas, a estrada em redor do casinhoto tornava-se um local animado que convidava a um comércio próprio: o povo petiscava farnéis sobre mantas coloridas, cantava-se com folgança, improvisavam-se bailaricos, faziam-se *burricadas*, e os velhos jogavam dobrados sobre as cartas sujas. O jornalista bufou de desespero; suando as estopinhas, correu ao retiro e comprou um jarrinho de vinho barato. O maldito monhé já desaparecia na curva do caminho, por isso, entornando parte do tinto na camisa colada ao corpo, seguiu em passo apressado atrás da silhueta distante. Não o podia perder de vista; pelo contrário, devia interpelá-lo, acabar com aquela perseguição importuna. Animado pelo vinho, instigado pelo cansaço, foi o que decidiu fazer: interrogar o serviçal de Benjamim Tormenta. Chamou por ele várias vezes até que a figura maciça, direita como um trintanário no peristilo de um hotel, estacou na estrada e girou lentamente na sua direção.

Ao aproximar-se, fulminado pelo olhar negro do homem indiano, já não pareceu a Nunes ter sido uma boa ideia pará-lo. Mas o vinho fresco refrescara-lhe a goela, sentia-se escudado por Quintino Lousada, homem sólido com prédios e inscrições, e pela sua redação cheia de rebulição num beco do Bairro Alto. Deu os últimos passos ajeitando as lunetas azuis que lançavam reflexos negros.

— Estava ali no retiro e vi-o passar — mentiu.

— O que posso fazer por Vossa Senhoria?

— Não o conheço? Parece-me que o conheço...

— Não.

— Talvez o conheça, senhor. O senhor não vive para os lados de... de...

O criado não lhe completou a frase e Nunes remoeu os dentes, irritado. A sobrançeria com que aquele hindu o olhava fazia ferver-lhe o sangue. Já era mau sentir a assombração de Benjamim Tormenta sobre si, não ia permitir que até o seu laçai o desconsiderasse. Quando as imagens do sonho de alguns dias atrás lhe piscaram na mente, Nunes sentiu uma ligeira ereção entre as pernas; de imediato o sangue subiu-lhe às faces e, não tendo o bruxeiro diante de si para

castigar, odiou igualmente aquele gigante sereno, vestido de sedas coloridas – enquanto ele, desgraçado, envergava casacos surrados e botas poeirentas.

— Oiça lá, rapaz — exclamou, sem esconder o desdém. — Quando um cavalheiro lhe dirige a palavra, fazia bem em ser polido. Não lhe ensinam isso lá de onde vem? — Esticou o dedo e bateu no peito maciço de Raj. — Está a falar com um português, rapaz, da raça dos Cabrais e dos Albuquerque.

Poder-se-ia pensar que Ramanujan sentiu ultraje perante aquele homenzinho magro, sujo, desarrumado, que lhe lançava perdigotos para as barbas e agitava o indicador diante dos olhos. Obediente, como qualquer servidor, baixou o olhar para a terra do caminho e desculpou-se.

— Perdão, *sahib*. Não era minha intenção ofendê-lo.

Nunes parou a meio de um gesto. Estava surpreso por ter sido tão fácil domar aquele selvagem, e o rubor das faces, que a recordação do sonho causara, foi rapidamente substituído por uma cintilação de vaidade contida. Sentiu que as coisas estavam a mudar. Oh, realmente estavam a mudar: os segredos do detetive do oculto achavam-se ali, à distância da mão, para ele os apanhar, esparramar na capa d’O *Estandarte*, e deles fazer brotar uma carreira de jornalista ilustre e respeitado. Mas não era com vinagre que se apanhavam moscas, por isso, oferecendo um sorriso generoso ao criado, bateu-lhe paternalmente no ombro largo.

— Deixe você lá estar, deixemos isso para trás. — Já o tratava por V., com familiaridade. — Pois podia jurar que o tenho visto pelo Chiado... Você não é o criado do ilustre Benjamim Tormenta?

— Tenho esse prazer, senhor.

— Ainda bem, rapaz, ainda bem — disse, segurando no braço de Raj para que retomassem os passos pelo caminho. — Sabe, interesse-me pelo seu patrão. E poderia pagar-lhe bem por algumas informações.

— Não sei se devo, senhor.

O jornalista puxou de uma cigarreira, tirou um cigarro para si e

ofereceu outro a Raj. Ele próprio acendeu os dois, com intimidade, soprando com confiança a nuvem fedorenta para o ar.

— O patrãozinho nunca vai saber. E você terá uns cobres para gastar no Chiado. Reparei que olhava com gosto para as montras. Viu algum chapeuzinho com que simpatizou?

O criado desceu o olhar para o chão, chupando o cigarro com acanhamento.

— Pois é como se esse chapeuzinho já fosse seu. Diga-me, onde é a residência do senhor Tormenta?

Parecia uma pergunta de teste. Raj hesitou:

— Na Travessa de M.

Nunes não sabia onde ficava essa travessa e o criado explicou. O jornalista guardou a informação na cabeça como se guardasse a combinação de um cofre, e exclamou:

— Veja lá, eu pensei que habitasse lá para a Patriarcal Queimada ou numa zona mais salubre, para os lados da colina de Buenos Aires.

— Não, senhor, é mesmo na Travessa de M. — E, sacudindo o cigarro, como numa resolução súbita, confidenciou: — Se me disser o que sabe sobre o meu patrão, talvez eu consiga preencher os vazios a seu gosto.

— Sei muita coisa, rapaz – muita coisa mesmo! Sei que é íntimo de Sua Majestade, de figurões como Fontes Pereira de Melo, e que a Polícia Civil recorre aos seus serviços amiúde. Sei que consome ópio à farta, que frequenta o lupanar da antiga amante do duque de Terceira, lá para os lados do Chafariz de El-Rei, e que é presença ocasional nos melhores salões da capital. Amanhã de manhã vou encontrar-me com o Sr. Quintino Lousada, d’O *Estandarte*. Ele desencantou um cocheiro que diz saber muito sobre o misterioso detetive do oculto: qual o restaurante que lhe leva os repastos a casa, quem é a transmontana asseada e discreta que lhe faz as limpezas aos cómodos. Talvez você até possa confirmar se esse homem sabe do que fala, hein?

— Como se chama ele, senhor?

— O cocheiro? Chama-se Zé Colares. Conhece-o?

— É um homem de confiança.

— Pois esse sujeito vai trazer com ele um amanuense da segunda divisão policial. Um indivíduo que vai casar, precisa de bago, e também tem informações picantes para partilhar.

— Sobre o meu patrão?

— Ora nem mais.

— É para publicar nesse periódico que mencionou?

Nunes olhou hesitante para o criado e depois sorriu superiormente, agitando a unha amarela para sacudir a cinza da pirisca.

— Caramba, para laçao você até que é fino.

— Não vai causar pouca moça ao patrão.

— Olha que tremenda espiga! Que importa esse *dandy* vicioso se você fica com os bolsos carregados? — E voltando a agarrar com confiança no braço de Raj, conduziu-o pelo caminho. — O que eu preciso, meu amigo, é que faça por merecer os réis que lhe vou dar, e que me desencante uns papelinhos que encontre lá por casa: missivas, telegramas, bilhetes, notas, tudo isso me será precioso.

E porque o criado assentia com a cabeça, ousou ir um pouco mais longe, sussurrando para suavizar a gravidade da sugestão:

— E se o seu patrão se ausentar alguns dias, só preciso que me dê conhecimento, compreende? Conheço alguns rapazolas, saídos da casa de correção, que desperdiçam as noites nos botequins da Rua dos Canos; consigo que lhe façam uma visita discreta a casa.

O criado mirava-o de olho brilhante, como que embaraçado por aprovar negócio tão sujo. Mas Nunes sabia que todos os homens tinham um preço, e os indianos eram pelo menos tão avarentos quanto os hebreus.

Tirou do bolso um bilhete de visita que ofereceu a Ramanujan.

— Para esse efeito, aqui tem o meu endereço. Se preferir, mande um pacote à redação do jornal.

No nervosismo da transação, o criado deixou o cartão escorregar entre os dedos. O jornalista agachou-se para o recuperar e sopra-lhe o pó quando o outro pareceu deslizar para o seu lado e abraçá-lo. Mas não era um abraço, era um lenço amarelo que deslizara em

redor do seu pescoço. O puxão para trás foi tão violento que as botas lhe escorregaram no chão e se enrolaram no jaquetão que deixou cair. Levou os dedos à garganta, para soltar o garrote, mas parecia escorado como uma grilheta de ferro. Tentou berrar mas apenas lhe saiu um gemido fino, quase inaudível. O rosto já ganhava tons lilases, os olhos tornavam-se sanguíneos, a língua espreitava pelos lábios arrepanhados a que a dentição amarela emprestava feições de equídeo. Enquanto morria, urinando e defecando nas calças, Nunes teve a honestidade que raramente manifestara em vida: a de assumir o seu erro – interpretara como embaraço um olhar que apenas significava fúria assassina. E os estertores da morte também lhe permitiram uma clarividência rara: não fora ele que seguira o criado; fora o criado que o guiara até àquele pedaço de caminho para lhe subtrair informação e decidir se o matava.

Quando o corpo do jornalista deixou de se debater, a franja pesada de óleo deslizara-lhe para cima dos olhos e os braços haviam tombado para os lados do corpo. Ramanujan arrojou o corpo para fora do caminho, ocultando-o atrás do mato. Depois regressou para recuperar as lunetas que jaziam no chão, espezinhadas ao lado do cartão. Não se via ninguém na estrada, mas isso podia mudar a qualquer instante. Voltou para junto do cadáver e revistou os bolsos, tirando tudo o que havia de valor para simular um assalto – que era apenas uma bolsa com moedas miúdas de cinco e dez réis. Num dedo da mão direita, Nunes tinha um anelinho com uma pedra sem valor. Como um ladrão de estrada não saberia se tinha ou não valor, Raj puxou por ele, mas estava demasiado justo, não passando na cabeça da falange. Sem hesitar, estendeu a mão mole na erva, desembainhou o punhal curvo e, de um só golpe, separou o dedo. Guardou o anel juntamente com as moedas e um bloquinho de notas onde, suspeitava, o jornalista escrevera o nome do *sahib* muitas vezes.

Depois levantou-se no meio do mato como faria um felino saciado. Limpou e embainhou a lâmina; ajeitou o turbante e sacudiu o pó do *sherwani*; cofiou os bigodes retorcidos e passou os dedos pelas barbas longas e macias. Os olhos ainda brilhavam, temíveis,

como o *tugue* que fora, quando fizera parte dessa irmandade de assassinos e gatunos que aterrorizavam os caminhos da Índia. Já na estrada, decidi seguir adiante, não queria que o voltassem a avistar dos retiros. Também não poderia descer para o Vale de Alcântara pois ao longo do regato, por entre as verduras agrárias, as margens estavam sempre cheias de lavadeiras a fazer as suas lixívias; sendo domingo, seria ainda pior, com todos os passeantes que vinham para fora de portas.

Tranquilo, o pacote com a camisa do Sr. Keil debaixo do braço, os olhos cor de mel deliciando-se com a vista distante da foz do Tejo, foi avançando em direção à costa. Na luminosa meiguice da tarde, a estrada alongava-se através de jardins, hortas, pomares, avistando-se a Tapada da Ajuda, resplandecente e amável. Por entre as sebes de mirtos perdia-se o fugidio cantar das águas. O ar todo, de uma doçura inefável, era um derramado perfume de jasmims e limoeiros. Já passava as ruínas do antigo palácio e do convento, no Largo do Calvário, em Alcântara – terra parada no tempo, onde só nas noites sem luar se acendiam os candeeiros da rua, e nem assim a gás mas sim a azeite –, quando começou a fazer planos para o Zé Colares. Chamavam-lhe Colares por galhofa, mas ele não tinha posses para vinho tão afamado. Era um avinhado que apenas bebia zurrapa e dormitava na boleia da traquitana, com os lábios húmidos entreabertos, para os lados dos quartéis de Santos. Ia visitá-lo, saber quem era o amanuense da polícia que tinha coisas picantes para contar.

* * *

A noite já caíra quando Adama Ramanujan chegou à Travessa de M., subiu à salinha forrada com papel sangue de boi e foi recebido por uma nuvem densa de ópio. Benjamim Tormenta estava estirado no veludo verde-garrafa do cadeirão chinês, os braços caídos com moleza e a cabeça recostada para trás. Acendera um cachimbo de tubo comprido, cujo forninho esculpido representava uma ninfa descuidosamente deitada. O criado olhou com reprovação para a camisa

aberta, o *plastron* arremessado no chão, os pés nus sobre uma mesa de apoio.

Esboçando uma vénia ligeira, inquiriu:

— Já ceou, *sahib*?

Como que desperto de um sonho distante, a voz do bruxeiro chegou baixa e desinteressada.

— Interrompes-me a viagem, bom Raj. Entretinha-me a contemplar os progressos da carbonização... Vagarosamente, transformaram a ninfa grega numa pretinha retinta... Comecei a fumar nas margens do Egeu e acabei no Lago Vitória.

— Vou preparar-lhe algo para comer.

— Como estava o Chiado?

— Como sempre, *sahib*, uma pasmaceira. — Quando ia fechar a porta, parou abruptamente, como se tivesse algo importante para acrescentar. — Diabos, esqueci-me de trazer os biscoitos.

— És um imprestável, Raj.

FIM